

(ESCRE)VIVÊNCIAS: PERCURSOS DO OLHAR DE UMA GRADUANDA NA UDESC¹

Isabela Testoni², Maria Helena Tomaz³, Soely Francisca Mazzini Monte Blanco⁴

¹ Vinculado ao Programa de Extensão Memorial Antonieta de Barros - Edital Programa de apoio à Extensão Universitária e Programa de Incentivo à Creditação da Extensão Universitária – PAEX-PROCEU/UDESC Nº 01/2019

² Acadêmica do Curso de Graduação Licenciatura em Pedagogia FAED, discente voluntária de extensão

⁴ Orientadora, Coordenadora do Programa e Coordenadora do NEAB/Reitoria - maria.tomaz@udesc.br

³ Orientadora, Departamento de Educação Científica e Tecnologia CEAD - soeli.francisca@udesc.br

A ação extensionista do Programa Memorial Antonieta de Barros intitulada *Projeto Observatório de Políticas de Ações Afirmativas - OPAAS*, que dialoga com o Programa de Ações Afirmativas da Universidade do Estado de Santa Catarina-UDESC, regulamentado pela Resolução Nº 017/2011 CONSUNI e suas posteriores alterações, instrumento de promoção da inclusão social e étnico-racial para efetivar a diversidade cultural e a luta da erradicação das desigualdades. Articulado com a efetivação dessa política pública de diversidade na Universidade, o projeto assume sua importância no Programa ao direcionar suas ações extensionistas para o acesso e permanência de estudantes com novos perfis em suas diversidades - negros, indígenas e quilombolas - para além daqueles tradicionalmente ingressantes no ambiente acadêmico. O ingresso desses sujeitos de direitos demanda ações de acolhimento e reconhecimento, com a implementação de novos recursos, currículo, estruturas de gestão adequadas e práticas de informação e formação de seu corpo docente, técnico administrativo e discente para enfrentamento e superação de preconceitos na entrada, permanência e conclusão de curso.

Esse projeto está articulado com a ação extensionista *Caminhando com Antonieta de Barros: Narrativas de resistências e ancestralidades* que denuncia as narrativas históricas do Brasil sobre as mulheres negras por muitas vezes foram e são invisibilizadas ou representadas por estereótipos variados ligados à submissão, escravização, pobreza, analfabetismo, erotização e sexualização de seus corpos compostos por “assimetrias de gênero motivadas pela questão racial” (BORGES, 2005, p.67). Essas opressões cruzadas com algumas outras convergem para a reprodução de desigualdades, as dinâmicas de dominação e a invisibilidade de protagonismos e autorias dessas mulheres. A ação justifica-se com o compromisso de problematizar essa discussão, fortalecer a subversão dos mecanismos de regulação e as rupturas com os silenciamentos históricos, produzidos na sociedade brasileira sobre as mulheres afro-brasileiras, destacando seus protagonismos, suas histórias de resistências, seus processos de (re)significação no mundo, integrando-se aos objetivos do Programa.

E o *Projeto Observatório de Educação das Relações Étnico-Raciais - OBERER* vem (re)politizar o campo do conhecimento e da docência a partir da Educação das Relações Étnico-raciais (ERER) com o objetivo de transformar modos de convivência dos sujeitos sociais, para a compreensão e valorização dos conteúdos étnicos inseridos na constituição da identidade brasileira. Seu compromisso configura-se em “cumprir e institucionalizar a implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais, desenvolver ações estratégicas de formação de professores, colaborar e construir com os sistemas de ensino políticas públicas e processos pedagógicos, promover desenvolvimento de pesquisas e produção de materiais didáticos e paradidáticos que valorizem a cultura afro-brasileira e a diversidade, colaborar na construção de indicadores para o acompanhamento da efetiva implementação, criar e consolidar agendas positivas” (Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais, 2012, p 19-20).

Essas três ações extensionistas articuladas contribuem para a discussão sobre as instituições de ensino, incluindo as Universidades, como espaços de produção de conhecimentos racializados, limitando a presença da população negra que sempre foi e é produtora de ciência, mas que muito recentemente vem conquistando o papel de pesquisadora. Nesse lócus de conquistas, esse trabalho se configura, composto pelas vivências, narrativas e produções de conhecimento da graduanda Isabela Testoni, contextualizados no Curso de Pedagogia do Centro de Ciências Humanas e da Educação/FAED da UDESC. As (escre)vivências da discente evidenciam o seu “lugar de fala” que problematiza e enfrenta o desafio em romper com a lógica imposta sobre quem pode ou não falar no contexto de um regime patriarcal, colonial, racista e classista que historicamente fundamenta a formação da sociedade brasileira.

Esse processo de produção envolve a escrita insubordinada que nasce do cotidiano, das lembranças, da experiência de vida e do percurso acadêmico da própria autora, interseccionalizadas com o pertencimento de seu povo, raça, gênero e classe dialogam com as epistemologias abordadas no Curso de Pedagogia e no Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros/NEAB da UDESC. E se caracteriza como ferramenta metodológica para adensar seu processo de letramento racial; subsidiar a leitura de suas possibilidades e desafios no processo de formação inicial; fundamentar uma análise do currículo prescrito oficial, desvelando “o que não propõe” para compreender “o que não propõe e o porquê”, a partir da demarcação de algumas das tensões e confrontos existentes; contribuir para a produção de conhecimentos teórico-práticos na área das Ciências Humanas, na Pedagogia e na literatura infanto-juvenil, subsidiada pela ERER; e adensar em diálogo, estudos/pesquisas e relatos de experiências que articulem os sujeitos das ações afirmativas no ensino superior, além dos espaços de aquilombamento existentes na Universidade.

Assim, é uma referência necessária ao articular a dimensão política de suas incursões no processo de teorização das experiências vivenciadas, e tantas vezes invisibilizadas. Ao assumir o seu lugar de fala e produtora de conhecimentos, inaugura o seu processo de aprisionamento da ordem colonial, visto que esta lógica, como nos alerta Grada Kilomba (2019), perpassa todos os âmbitos da vida social. Conhecer as formas como o racismo se estrutura na sociedade é essencial para construir ações práticas emancipatórias.

Palavras-chave: Educação das Relações Étnico-Raciais; extensão universitária; currículo.